

O Clerigo da Beira.

FIGURAS.

HUM CLERIGO.

FRANCISCO, seu filho.

GONÇALO. — Villão.

ALMEIDA)
DUARTE) Moços do Paço.

HUM NEGRO.

HUMA VELHA.

CEZILIA PEDREANES.

Segue-se outra farça de folgar, que trata como hum Clerigo da Beira, vespora do Natal, determinou d'ir aos coelhos; e indo pera a caça com hum filho seu rézão as matinas. Trata-se outro si de hum villão, que indo vender á Côrte huma lebre e huns capões, e hum cabaç com fruta, foi roubado, que até o chapeirão lhe furta-rão: o qual furto foi descoberto por Ceçilia demoni-nhada, em quem dizião que fallava hum Pedreanes. Foi representada ao muito poderoso e christianissimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, era do Senhor de 1526.

O CLERIGO DA BEIRA.

Entra o Clerigo com seu filho Francisco, e diz o filho :

FRANCISCO.

Vós haveis de celebrar
Missa de festa em pessoa,
E não fazeis a coroa
Antes que vamos caçar ?
Pois, pae, não haveis d'olhar
Que sois clerigo da Beira,
Porque a gente cabreira
Em tudo quer attentar.

CLERIGO.

Ta mãe m'a trosquiara,
Não cures tu de conselhos;
Cacemos nós dos coelhos,
Que isso á noite se fará.

FRA. Sabeis, pae, qu'esqueceo lá
A furoa ?

CLE. Vae por ella.

FRA. De hũa legua hei d'ir trazê-la ?
Melhor viva eu que lá va.

CLERIGO.

Pesar da ida e da vinda,
Vae, torna pola furoa.

FRA. Va lá quem tiver coroa,
Que eu não na tenho ainda.

CLERIGO.

Creio que a vara ha d'andar,
S'isso vai dessa maneira.

FRA. Eu não sou vossa oliveira
Que a haveis de varejar.

CLE. Renego destas respostas :
Vae muito asinha.

FRA. Eu creio
Que cuidais que sou correio
Que vai e vem polas postas.

CLERIGO.

Cre tu se me a mim não fôra
Que ta mãe logo s'assanha,
Ja t'eu dera hũa tamanha,
Que tu foras logo essora.
Requeiro-te que vas embora,
Ante que se assanhe o abbade.

FRA. Ainda eu não tenho vontade,
Lá he ella algures fóra.

CLE. Vae, Francisco.

FRA. Si, irás.

Ide vós : não tendes pés ?

CLE. Filho de clérigo es,
Nunca bô feito farás.

FRANCISCO.

Peores são os de Frei Mendo,
E os do Beneficiado,
Que vão tomar o bocado
Que seu pae está comendo.

CLE. Vae, que ja está no cortiço,
Senão tomá-la e trazê-la.

FRA. Ja ma ora vou por ella,
Mas hei de furtar chouriço.

*Vai o moço pela furoa e fica o Clerigo antre si
dizendo :*

CLERIGO.

Medraria este rapaz
Na côrte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
Cada hũa muito boa :
Nunca diz bem de pessoa,
Nem verdade nunca a traz.

Mexerica que por nada
Revolverá San Francisco ;
Que pera a Côrte he hum visco,
Que caça toda a manada.

Vem o filho com a furoa, e diz :

FRA. Ja minha mãe tem tascada
A regueifa do bautismo :
Andae vós ca, pae, ao bismo,
Que ella não lh'escapa nada.

CLERIGO.

Rezemos matinas logo,
 Antes que entremos á caça ;
 Que como homem s'embaraça
 Nella, não he senão fogo.

FRA. Matinas de ca da Beira,
 Ou como quereis rezar ?

CLE. Si, pera que he mudar
 Cada dia hũa maneira ?

Porque os capellães d'ElRei,
 Que ca na Beira tem renda,
 Se rézão lá d'outra lei,
 Tem outra lei de fazenda.
 Mas Deos dê muita prebenda
 A Antone Alvares, que he rezão
 Que elle e outros que lá estão,
 Nos leixarão esta lenda.

FRANCISCO.

Nome de Deos começar.

CLE. *Pater noster.*

FRA. Que siso !

Na caça pera que he isso,
 Senão *Domine labia* ? Andar.

CLE. *Domine labia mea*
 Tu priol a pé irás.

FRA. Se cansares, assentar-te-has,
 Pois que não tens facanea.

CLE. *Venite, exultemus,*
 Que cães e furão que temos
 Pera tempo de mister !

FRA. *Domine Dominus noster*
 Nos dê com que os manter,
 E coelhos que levemos.

CLE. *Cœli enarrant gloriam Dei,*
 Não cuide Papa nem Rei
 Que está no cume da serra.

FRA. *Domini est terra,*
 Que he senhor de toda grei.

CLE. *Ora te Deum laudamus,*
 Pois que tal manhan levamos
 Pera provarmos a perra.

FRA. *Jubilate Deo, omnis terra :*
 Diz que rezemos e vamos.

CLE. Assi manda *Deus, Deus meus,*
 E nos dá dia par'elles.

FRA. *Lauda Dominum de cœlis,*

- Pois os coelhos são seus.
- CLE. *Cantate* : diz que cantemos
Cantar novo e não usado.
- FRA. Cante o Beneficiado,
Que nós pouco pão colhemos.
- CLE. *Laudate Deum, omnes gentes,*
Laudate Nuno Ribeiro,
Que nunca paga dinheiro,
E sempre arreganha os dentes.
- FRA. *Levavi oculos meos,*
Vi que os dinheiros alheios
Muitos os repartem crus.
- CLE. *Nisi quia Dominus*
Nos dará os melhores meios.
- FRA. *Qui confidunt in Domino*
Têm esperança direita.
- CLE. *In convertendo* boa peita
Deste tal não hajas dó.
- FRA. *Beati omnes* que tem,
Que estes podem dizer bem
Lætatus sum in iis.
- CLE. *Laudate, Hierusalem,*
A todo o homem que tem
Vintens, tostões e ceitis.
- FRA. *Sæpe expurgaverunt me :*
Diz a lyra na sua grossa,
Que he cousa perigosa
Andares á caça a pé,
- GLE. Se beato immaculato
M'emprestasse o seu mulato,
Mas não sei se quererá.
- FRA. *Jam lucis orto* si dará
Em que leves ti e o fato.
- CLE. *Dixit Dominus* que tinha
Hũa muito boa asninha,
Non sede a dextris meis.
- FRA. *Donec ponam* tem seis
E mais hũa mulatinha ;
Vêde se as havereis.
- CLE. *Beatus vir* que tem sendeiro,
Que lhe aparou *Deus deorum.*
- FRA. *Habet consilium impiorum*
Não o emprestar sem dinheiro.
- CLE. *Deus in nomine tuo* de graça
Salva-me na tua faca.
- FRA. Com dous arrateis de vacca
Escusarieis a caça.

- CLE. Ir á caça cada dia
Aleluia, aleluia.
- FRA. Vamo-nos a bom bispo,
Pedrada no teu toutiço.
- CLE. *Oremus.*
- FRA. Bem faremos.
- CLE. Venhão-me os cães,
As redes e o furão,
Mas o coelheiro não.
Que vives e reinas
Na villa do Pedregão.
- FRA. Abem
- CLE. *Requiescant in pacem.*
- FRA. Maos pagadores te paguem.
- CLE. *Inducas in tentationem.*
- FRA. Responda-te Luiz Homem.
- CLE. *Exaudi orationes nostras.*
- FRA. Azambujo nessas costas.
- CLE. *Pater noster.*
Torna a casa muito prestes
E leva esse breviairo.
- FRA. Em dia de algum fadairo
Foi quando vós, pae, nacestes ;
Porém se eu lá volver
Benzei-vos se ca vier.
- CLE. Virás, Francisco ; ora vae,
Que filho es de bom pae,
E ta mãe boa mulher.
Dize-lhe que s'eu tardar,
Que tanja a vespora e repique
Muito bem, porque não fique
A festa sem repicar.
E ha mister que correja
Muito bem essa igreja,
E as galhetas bem sabe ella
Que hão ja mister barrella ;
E olhe tudo e proveja.
Anda Tejo á Fragueira.
E dirás a ta mãe mais,
Que me guarde os corporaes,
Que ficão na cantareira.
E o calez achará
No almáreo de ca
Atado c'os seus toucados,
E os amitos pendurados
Onde a minha espada está.
E a vestimenta achará

Dobrada sôbre a albarda.
Que ponha tudo em guarda,
Como ella sabe ja.
E que alimpe bem a pia,
Não asse sempre castanhas ;
E tire as teas d'aranhas
A' mártel Sancta Luzia.
E solte a cabra tambem,
Que está presa pela estola,
E logo não seja tola,
Que correja tudo bem.
Porque se Deos ca apôrtar
Marcos Esteves da côrte,
E achar tudo dessa sorte,
Vê-lo-heis vós espirar — ai, ai.

A' ribeira, que esse he elle,
Polos sanctos evangelhos ;
Ja lhe elle pruem os artelhos,
E se lhe escarrapiça a pelle.

Cão. Ham, ham.

CLE. Guard'o cabrão.

Cão. Ham, ham.

CLE. Ora, cadella.

Cad. Hao, hao.

CLE. Ei-lo vai pola portella,
Sem cadella e sem cão !

Oh renego da vida,
Perdoe-me Deos consagrado.
Algum grande excommungado
Me olhou á minha partida.

*Vem hum filho d'hum lavrador, e traz hum cesto
cuberto e hũa lebre e dous capões, e chegando ao
Clerigo diz :*

GONÇALO.

Ora Deos vos dê prazer.

CLE. Que he isso que levas hi ?

GON. Huns-marmelos levo aqui,
Samicas pera vender,
E esta lebre pera haver
Dinheiro dos cortezões :
E levo este par de capões,
E limões pera os comer,
Qu'elles dinheiro terão.

CLE. Pois que vas vender á côrte,
Ólha bem pelo virote,
Não te fies de rascão.

- GON. E rascões que aves são ?
Samicas são alguns bichos.
CLE. Mas são lobos pera michos,
E raposos de nação.

GONÇALO.

- Bem hei de saber vender.
CLE. E elles melhor comprar.
Se te puderem furtar
As orelhas, has de ver.
GON. Não me quero mais deter ;
Vou-me e Deos va comigo.
CLE. Olha bem por ti, amigo.
GON. Bem sei o que hei de fazer.

Entrão dous moços do Paço muito louções, hum chamado Duarte, outro Almeida, o qual começa dizendo ao Duarte :

ALMEIDA.

- A tormenta da ma vida
Que eu levo neste Paço,
Sabes que conta lhe faço ?
Que vou n'hũa nao perdida,
Rota pelo espinhaço.
DUA. Bom dizer he esse, porém
Dae a Deos tal apontar.
ALM. Isso não será zombar ?
Ja me disse não sei quem
Bem do vosso motejar.

DUARTE.

- Abasta : folguei de ver
Sair-vos Tullio do seio :
Muitos criará o centeio,
Mas poucos de tal saber.
ALM. Logo vos forão dizer
Qu'era eu ratinho, senhor.
DUA. Não sei, vós tomastes côr,
Eu não sei o que isso quer ser.
E vejo-vos, mano, morto,
E tendes ar de mirrado.
ALM. Vós estais mais aguçado
Que canivete do Porto.
Viva o Conde do Redondo,
Que lhe furtais quanto tendes ;
Mas da sua graça mendes
Vos acho eu todo mondo.

DUARTE.

Logo fallais per mondar,
Como homem daquella terra :
Já vós verieis na serra
Algum gadozinho andar,
Não digo eu pera o guardar,
Senão ve-lo-heis pacer,
E pera vosso prazer
Sabereis assobiar.

ALMEIDA.

Per muitas fórmaz zombais,
Fôrmaz bem as conheceis ;
Olhae não vos demudeis
Primeiro que m'entendaís.

DUA. Assi como bafejais,
Inda me cheirais a nabos.ALM. Bem parece que a dous cabos
Cozeis tudo o que fallais.

DUARTE.

Eu vejo vir hum villão,
Hei-o certo de abraçar,
Porque se póde acertar
Que será algum vosso irmão. —
Guarda-porcos, dá ca a mão.

GON. Nunca os guardei per mi,
Mas ja eu a vosso pae vi
Morder hum bom cordavão.

ALMEIDA.

Parece-me que per sua arte
Vos sacode elle a badana.
Dos michos desta somana
Te dou, villão, minha parte. —

DUA. Olhae ca, Senhor Duarte.

Almeida, que me quereis ?

Tantas cousas pareceis,
Que não sei de qual me farte.

Porque he certo que eu vos vi
Levar ja a merenda á vinha,
E ca pregais a boquinha
Como Dom Priol daqui.
E propriamente assi
Sabeis tudo, ah narizinhos !
E onde fordes vizinhos
Grande frio fará alli.

GONÇALO.

Bofá vejo eu Portuguezes
Da côrte muito alterados,
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Menezes.

DUA. Oh fideputa avisado !
E o villão he castiço :
O rapaz rapa chouriço,
Rapaz mouro emgrageijado.

GONÇALO.

Vós sombreiro acutilado,
Cuidareis que sois alguem ?
Pois vos eu conheço bem,
Fallae vós mais conchavado.

DUA. Rapaz, es tão namorado !
Ora falla sem sabor,
Rapaz, que mudas a côr.

GON. Ora estais bem aviado.

ALMEIDA.

Vendes a lebre, villão ?

GON. Si, fidalgo.

ALM. Mostra ca :
Quanto a dás ? que custará ?

GON. Samicas meio tostão.

ALM. E no cesto, que tens lá ?

GON. Trago aqui estes capões,
E bons marmelos valentes,
Se delles fordes contentes ;
E er tambem trago limões
Pera aguçardes os dentes.

*Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera
mostrar tudo o que traz, foge Almeida e leva a lebre,
e Gonçalo achando-a menos, diz :*

GONÇALO.

E a lebre que foi della ?

DUA. Que sei eu ?

GON. Hu-lo parceiro ?

DUA. Não te deu elle o dinheiro ?

GON. Pardeos de graça vai ella :
Lá a leva elle o escudeiro.

DUA. Vae, vae correndo asinha,
Que inda agora vai per hi.

GON. Olhae-me vós perequi,
Porque ella não era minha,
E he mal perdê-la assi.

DUARTE.

Oh que gostoso villão,
E que boa festa temos !
Almeida e eu partiremos
Como irmão com irmão.

GON. Hou mulher do amarello,
Viste ca, se vem á mão,
Hum fidalgo terrastão
Com hũa lebre no capello ?

Hou vós do sacco de palha,
Viste-me ca minha lebre ?
Oh ! dou-me a Deos que me leve,
Não hei de achar nem migalha.
Dize, senhor sapateiro,
A minha lebre vai ca ?
Pera que he buscá-la ja !
Dou ó demo o escudeiro.

Leve-a por amor de Deos,
Pola alma de meus finados,
Porque lhe somos obrigados,
Em e todos meus ereos.

Duarte tanto que Gonçalo se partio a buscar a lebre, foi-se e levou o cesto e os capões, e diz Gonçalo quando não acha novas da lebre :

Peor he que me dá ca
Na vontade que os capões
Forão c'os outros rascões
Caminho da ira ma.

Pardeos, tal vos he ella a vós :
Isto he o com que eu renego.
Fizera mais hum Gallego
Na metá de huns matos sos ?
Hũa escandola com'esta
Enche de birra a pessoa ;
Nem tal chufa não he boa
Pera vespera de festa.

Como assi se usa ca ?
Ai eramá que he mal ;
Que quem furta hum furto tal
Outro melhor furtará.
As almas dos corteções
São coma nao sem govêrno,
Porque cuidão que o inferno
Que se come com limões.

O carmelita nos sermões
Bem lhes mostra o paraíso,

Mas tanto vem elles isso
Como eu vejo os meus capões.

Indo assim Gonçalo tornando pera a sua aldeia, torna a achar o Clerigo, o qual lhe diz :

CLERIGO.

Ja tu, Gonçalo, vendeste ?
Asinha tu despachaste.

GON. Praza ao martyr Santiaste
Que nunca lh'a lebre preste.
Abaste, eu não fui sesudo.

CLE. Conta, rogo-t'ó, Gonçalo.

GON. Mais porei eu em contá-lo,
Que elles em furtar-me tudo.

CLERIGO.

Estava isso mau de ver.

GON. Sois profétégua, padrinho :
Mas se eu torno outro caminho,
Não ha ella assi de ser.
Porém quereis-me dizer
Hum responso ou hũa aquesta,
Que m'apare Deos a cesta,
E dar-vos-hei do que tiver ?

CLERIGO.

Se queres *miracula* ver,
Torna lá c'hum par de patos.
Que se os capões vão baratos,
Estes assi hão de ser.
Calamitas demones has de trazer ;
Porém o dinheiro será de mau mez.
Cedunt mare vincula res
Que *perdunt* quanto vieres vender.

Quero ora ir catar
Cousa que me mate a brasa.

GON. Eu não ousa d'ir a casa ;
Meu pae ha me de coçar.

CAE. Spera-me a par do logar,
E eu irei lá comtigo,
E rogar-lh'hei como amigo,
Que não te deixe de dar.

Se topares lá em fundo
Hum negro, põe-te a recado,
Porque he hum perro malvado,
O maior ladrão do mundo.
Não olhes no que fallar,

Qu'he muito falso o cabrão.
Olha per teu chapeirão,
Porque elle ha-te de atentar
Se tens tu ôlho ou não.

Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clerigo, topa hum Negro grande ladrão, e entra cantando buscando hum mulato : e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro :

GONÇALO.

Dize, negro, es da côrte ?

NEG. Qu'esso ?

GON. S'es da côrte ?

NEG. Ja a mi forro, nam sa cativo.

Boso conhece Maracote ?

Corregidor Tibão he.

Elle comprai mi primeiro ;

Quando ja paga a rinheiro,

Daita a mi fero na pé.

He masa tredora aquelle,

Aramá que te ero Maracote.

GON. Mais redor era o rascote

Que m'a mim furtou a lebre.

NEG. Qu'he queisso que te furtai ?

GON. Hũa lebre de meu pae,

De meu cunhado huns capões,

E marmelos e limões ;

Abonda tudo lá vai.

NEGRO.

Jesu, Jesu, Deoso consabrado !

Aramá tanta ladrão !

Jesu ! Jesu ! hum caralasão :

Furunando sá sapantado.

Jesu ! cralasam.

Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego salva tera pão nosso quanto dão dá nove\$ caro he debrite noses ja libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju.

Sa pantaro Furunando.

Dize, rogo-te, fallai :

Conhece tu que furtai ?

Porque tu nam bruguntando ?

GON. Perguntarei por meu pae.

NEG. Cal-te : Deoso cima sai,

Que furtai ere oiai.

Deoso nunca vai dormi,

Sempre abre oio assi
Tamanha tu sapantai.
Guarda mar esso mal,
E senhora Prito santo.
Nunca rirá homem branco
Furunando furta real.
No sabe mi essa carreira :
Para que ? para comê ?
Muto comê muto bebê,
Turo turo sa canseira.
Vira mundo turo canseira :
Senhor grande, canseira ;
Home prove, canseira ;
Muiere fermoso, canseira ;
Muiere feio, canseira ;
Negro cativo, canseira ;
Senhoro de negro, canseira.
Vai missa, canseira ;
Prégação longo, canseira ;
Crerigo nam tem muiere, canseira ;
Crerigo tem muiere, canseira,
Grande canseira :
Firalgo sôlto, canseira ;
Chovero muto, canseira ;
Não póde chovero, canseira :
Muito filho, canseira ;
Nunca pariro, canseira ;
Papa na Roma, canseira ;
Essa ratinho, canseira ;
Não vamo paraíso, grande canseira :
Vira resa mundo turo turo he
Canseira.

Mi nam falla zombaria.
Pos para que furtai ?
Que riabo sempreza !
Abre oio turo ria.
Mi busca mulato bai,
Ficar abora, ratinho.
GON. Eu aguardo meu padrinho,
Que va comigo a meu pae.
Eu vou ao rio perem,
Porque hei sêde e beberei.
E sícais que nadarei
Emquanto o clerigo vem.
Leixarei o chapeirão
Mettido nesta mouteira,
E o cinto e esmoleira,

Porque lá logo o verão,
Não me aqueça outra tal feira.

Espreita o negro como Gonçalo esconde o chapéu e o al, e tanto que se vai entra dizendo :

NEGRO.

A mi abre oio e ve
Ratinho tira besiro :
Ere dexe aqui condirro :
Não sei onde elle mettê.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando !
Pois mi ha d'andar buscando,
E levare elle na bico
O servo Santa Maria.

Sabe a regina Matho misercoroda nutra d'hum cego
savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa alto soso
peamos ja mentes ja frentes vinagre qu'elle quebrarão
em balde ja ergo a quante nossa ha ilhos tue busca
cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta
ventre tu ja tremes ja pias. Seuro santa Maria dinheiro
me lá darão he ve esa carta da me mucho que furte
cantara Furunando.

*Acabada assim esta salve regina, acha o Negro
o que Gonçalo leixou escondido, e diz :*

Ei-lo aqui sa ! Deoso graça.
Graça Deoso esse he capote ;
Nunca dexe aqui palote :
Ratinho, quem te forcasse !
Aramá que te ero villão !
Que palote saba sam,
Barete tambem bo era.
Mi cansai e á deradera
A mior fica sua mão.

Vejamos bolsa que tem :
Hum pente para que bo ?
Tres ceitil sa qui so :
Ratinho nunca bitem.
O riabo ladarão !
Corpo re reos consabrado !
Essa villão murgurado
Sa masa prove que cão.

Quando bolsa mi achase
Fernão d'Alvaro, esse si ;
Nunca pente sa alli.
Ah reos ! quem te furtasse

Bolsa, Nuna Ribeiro !
Home bai busca rinheiro :
A toro ere rise :
Ja rinheiro feito he.
Aramá que tu ero gaiteiro !
Fernão d'Alvaro m'acontenta ;
Elle nunca risse nam.
Logo chama ca crivam,
— Crivaninhae esormenta ;
Toma rinheiro, vas embora.
Boso, home de bem, que buscae ?
— Mi da cureiro agarba sae.
— Boso que buscae corte agora ?
— Buscae a Rei jam João,
Paga minha casaramento.
— Dá ca, moso, trae esormento ;
Crivaninhae boso, crivão :
Home, tomae hum dos quatro sete :
Vas embora turo turo.
Sua rinheiro sa segura,
Mioro que elle promete.
Marco Estevez moladeiro
Elle rise : Santa Maria !
Rinheiro boso queria ?
Bai bai dormir paieiro. —
Boso que pedir, muieiro ?
— Tanta filho mi tem qui...
— Quem manda boso pari,
Boso grande parideiro ?
— Boso seria muito bô :
Vaca ne Francico paia ;
Tenha seis filho e mi so
Nam temo comere ni migaia.
Elle rise :
Que culpo tem a Rei jam João ?
Boso parir como porco,
Bai buscai sua pae torto,
Que dai a sua fio pão.
Velha, que boso querê ?
— Molla, que a mi pobre sai.
Elle rise :
Porque boso nam guardai
Rinheiro que boso bebê ? —
Jesu ! Jesu ! moladeiro
Sa riabo aquella home ;
Quando a mi more da fome
Nunca buscai sua rinheiro.

Porém graça a Reos, a mi
Nunca minga que furtá ;
Pouco ca, pouco relá,
Pouco requi, pouco reli,
Grão e grão gallo fartá.
Quem furta, home sesuro :
E louvar a Reos com turo
E senhora Prito Santo.
A mi bai furta emtanto
Camisa que sá na muro.

Vem Gonçalo tremendo com frio e diç :

GONÇALO.

Mui mau nadar faz verão
Até meado o Janeiro ;
Mas agora he o ribeiro
Que corta homem como cão.
Jesu ! e o meu chapeirão
E o cinto e a esmoleira ?
Pois esta era a mouteira
E este he o mesmo chão.

Agora merecia eu
Hum par de trochadas boas,
Porque fiar nas pessoas
Nunca outro fructo deu.
Bem vi eu que o guineu
Me vio tudo aqui leixar ;
Mas o seu negro prégar
Me levou a mi o meu.

Quem se faz mais verdadeiro,
Crede que he o mentiroso ;
E nunca vistes medroso
Que não finja de guerreiro,
E o ladrão de piadoso.
Ja todo o mundo he raposo
Ja não ha hi que fiar,
A mi mesmo hão de furtar
Se m'eu daqui não acosso.

*Roubado assi Gonçalo vem hũa velha e traz consigo
Ceçilia da Beira em que falla Pedreanes.*

VELHA.

Amara do meu fadairo !
Hui Fernando neto meu,
Qu'he do que teu pae te deu ?
Que lá contou o Vigairo
Quão pouco trazes do teu.

E teu pae he tão cruel,
 E tua mão tão sandia,
 Que trouxe da estrebaria
 Hũa vara d'azemel
 Pera te tirar a azia.

Quando vi tamanha aquella,
 Trago esta demoninhada
 A Cezilia nomeada
Falla Pedreanes nella,
 E descobrirá a cilada. —
 Pedreanes !

CEZ. Aqui 'stou.

VEL. E aqui haveis d'estar,
 E haveis-vos d'assentar ;
 E pois sabeis quem roubou
 Meu neto, fazei-lh'o achar.

CEZILIA.

Não ha muito de tardar ;
 Mas logo aqui virão ter
 Quem isso lhe foi fazer ;
 E se quizerem pagar
 Eu bem lh'o hei de dizer.

GON. Que he o que me furtarão ?
 Vejamos se adivinhais.

CEZ. Dous mancebos t'enganarão,
 E os limões que te levirão
 Vendêrão por seis reaes.

E hũa moça corcovada
 Está agora depennando
 O capão de tua cunhada,
 E o outro se está assando,
 E a lebre pendurada.
 Ainda por mais signal
 Cubrirão-na c'hum sombreiro
 Em casa d'hum alfaiate.

GON. Que besteiro he este tal !
 Este he o Déxemo inteiro
 Em trajos de carafate.

Mais hei hoje de saber,
 Pois m'eu acho aqui á mão.
 Assi Deos te dê prazer
 Que tu me queiras dizer
 S'hei de casar cedo ou não ?

CEZ. Casarás polo natal
 Com mulher sem tua perda ;
 Seu corpo como cristal,

E achar-lhe-has hum signal
No meio da coxa esquerda.

E tem na teta direita
Hum lûar com tres cabellos ;
Pola cinta muito estreita,
De hũa nadega contreira,
E zambra dos cotovelos.

GON. Não hei de casar dess'arte,
Nem Deos não ha de querer.

CEZ. Esta mesma has tu d'haver,
Nem cases em outra parte,
Senão pouco has de viver.

VELHA.

Bento e louvado serás
Deos e a Virgem da Franqueira,
Que me tirou de canseira
De casarás, não casarás,
Sei freira, não sejas freira.

CEZ. Pois que vós isso dizeis,
E não me perguntais nada,
Antes de hum anno e hum mez
Vós haveis de ser casada
C'hum criado do Marquez.

VELHA.

Agora me quero eu rir :
Sabedes vós isso certo ?

CEZ. Digo que estais tão perto
Como eu de me partir
Pera o meu negro deserto.

VEL. Pedreanes, não vos vades,
Rogo-vo-lo, que ainda he cedo.
Sebedes vos — eu hei medo
Serem isso vaídades,
E essoutro estar-se quedo

Vem Duarte e Almeida.

DUARTE.

Mantenha-vos Deos, Brancanes,
Deos vos dê sempre boa hora.

VEL. Não falleis em Deos agora,
Porque está aqui Pedreanes,
Que chegou agora est' hora.

DUA. A elle buscamos, senhora,
Que o havemos bem mester,
E dar-lh' hemos, d'alma em fóra,

Tudo quanto elle quizer,
Que o leve muito embora.

VELHA.

Pedreanes a hum grou
Achará o rasto no ar,
Pois que m'elle foi achar
Que velha assi como estou,
Hei ainda de casar.

Creio-o-lh'o polo que vejo,
Porque eu sou muito sadia,
E tenho a pelle macia
Como costas de cranguejo
Ou lagosta d'Atouguia.

E tenho minhas arnellas :
Ponde m'ora aqui a mão,
Mancebo. E haja eu perdão,
Ainda eu como co'ellas
Hũa posta de cação.
O bafo, a Deos louvores,
He coma algalia d'Arruda.
Ora eu farei outras côres,
Porque hei d'entrar em muda,
Como fazem os açores,
Então venhão meus amores.

DUARTE.

Pedreanes.

CEZ. Aqui estou.

DUA. Estae por amor de mi,
E não vos vades daqui;
Porque minha fé vos dou
Que somos vossos emfim.

CEZ. Se quereis levar na mão
Isso porque me buscastes,
Pague a este villão
A lebre que lhe tomastes,
E tres vintens por capão,
E hum tostão dos marmelos,
E pagãe-lhe seus limões.

VEL. Parece-me a mi, rascões,
Que vos tornais amarelllos.

DUA. Paguemos-lhe tres tostões.

ALM. Duarte, tendes vós hi
Dinheiro na fraldiqueira?

DUA. Eu vendi patos na feira?

ALM. Nem eu tampouco os vendi,
Nem tenho eira nem beira.

CEZILIA.

Gonçalo, sei tu lembrado
Que dixeste que por Deos
Lhe havias por perdoado
Pola alma de teus ereos,
E não te devem cornado.

Vae pedir o chapeirão
Ao negro do Maracote.

GON. Ora fiae de rascão,
Que farpa todo o pelote,
E não se farta de pão.

ALM. Ja nós somos sabedores
Que he muito teu poder,
E queriamos saber
Planetas d'alguns senhores,
E sinos de seu nacer.

E a que são inclinados
Por sua costellação,
E quaes são mais namorados.
E tambem as condições
De que planeta lhes vem,
Declarado por item.

CEZ. Dizei embora, rascões,
Qu'eu sei isso muito bem.
Porque por astrolomia
Conheço os seus nascimentos,
E pola filosomia
Sei todos os pensamentos
Que trazem na fantasia.

DUARTE.

Qual he o mor namorado
De Portugal e Castella?

CEZ. He o Conde de Penella;
Mas anda dissimulado
Por amor da sua estrella.

ALM. O senhor Embaixador
Do Cesar Imperador
Creio que naceo no ceo;
Mas se na terra naceo,
Qual planeta em seu favor
Foi a que lhe aconteceu?

CEZILIA.

Naceo hũa noite clara
Quando a lua apparecia,
E Venus tomava a vara

Com que as graças repartia,
Como em elle se declara.
E estando assi lustrosa,
O fez tão sabio e humano,
De condição tão graciosa,
Que não tem em nada grossa,
Senão so ser Castelhana.

DUARTE.

O Conde de Marialva
Sabes quanto ha de viver ?

CEZ. Mao he isso de saber,
Que elle não he flor de malva
Que apodrece sem chover.
Com todas suas feridas,
E muito enferma canseira,
Contratou-se de maneira,
Que Deos lhe deve tres vidas,
E esta he inda a primeira.

ALMEIDA.

Do Védor he necessario
Saber a planeta sua.

CEZ. Sua planeta he a lua,
O sino he Sagitario,
Com hũa frecha d'atabua.
Tem folego como gato,
Digo vida perlongada ;
Porém não coma de pato
Senão so hũa talhada,
Inda que custe barato.

DUARTE.

Sabes quantos annos ha
Que Vasco de Foes he nado ?

CEZ. Quando foi a do Salado,
Era elle mancebo ja,
Mas não era tão barbado.
ALM. O senhor Conde meu senhor
Do Redondo em que estrella,
Ou que Planeta he aquella
Que o fez tão sabedor,
Pera que adoremos nella ?

CEZILIA.

Esse Conde e outros assi
Por agora hão de ficar,

D'outrem podeis perguntar :
Mas eu tornarei aqui,
E vós me ouvireis fallar.

ALM. Affonso d'Albuquerque, irmão,
Que foi ao Imperador,
Que sino tem por senhor,
E porque a sua condição
Não pudera ser melhor ?

CEZILIA.

Mercurio he a sua estrella,
E sera bem esquençado
Se jogar jogo assentado ;
Porém se jogar a pelle,
Não lhe ficará cruzado.

DUA. Eu tenho Jorge de Mello
Por hum Padre San Gião ;
Traz sempre contas na mão,
Mas não sei lá no capello
Como vai á devação.

ALMEIDA.

Elle reza pola rua,
Que traz contas todo o dia ;
Ou he por galantaria ?

CEZ. Mui boa vontade he a sua,
Mas o cuidado o desvia.
Reza mais que cinco donas,
E Deos se está sem paixão.

DUA. Que lhe pede na oração ?

CEZ. Que lhe dê sete atafonas
A' porta de Sant'Antão.

E que lhe dê tanto gado
Como Isaac trazia,
E hũa capitania,
Com que fosse tão honrado
Como elle merecia.

ALM. Gaspar Gonçalves, Pedreanes,
Em que sino nasceria ?
Faze-me esta obra pia ;
E olha que não m'enganes,
Porque vai sôbre perfia.

Desejo sabê-lo em cabo.

CEZ. Nasceo no Escorpião,
Afagua-vos co'a razão,
Mas despeja-vos c'o rabo
No cabo da concrusão.

DUA. E Brezeanes guardador
Das damas, que es perro viejo ?

CEZ. Esse Brezeanes, senhor,
O seu sino he de cranguejo,
Porque anda a travez do amor
E atravez do desejo.

E he tomado da lũa,
Muito seco dos esp'ritos,
Porque ha hi sinos malditos
Que não tem graça nenhũa.

E o que quereis saber
Das damas e amadores,
O domingo que vier
Eu direi quanto souber
Dellas e seus servidores.
Ensinar-vos-hei então
Cantigas com que folgueis ;
E agora não canteis,
Fique por concrusão
Que este dia cantareis.